

colóquio  
ESPAÇOS CÉNICOS  
ESPAÇOS ENCENADOS

19 Janeiro 2016

Sala de Atos da ESAP

Largo de S. Domingos, 80 - Porto

Hélena Guerrero  
Inês de Carvalho  
Jorge Paletio  
Lúcia Pinto  
Mara Helena Mata  
Nuno Carvalhas  
Nuno Lucena  
Roberto Merino



CEAA

MIA

SATH

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO

## ESPAÇOS CÉNICOS. ESPAÇOS ENCENADOS

ESAP, 19 Jan. 2016

**15:00** - Abertura dos trabalhos  
Maria Helena Maia e Jorge Palinhos

**15:15 - Mesa 1** - moderador: Maria Helena Maia

**A cenografia modernista portuguesa na primeira metade do século XX**  
Jorge Palinhos

**A mercadoria como cenário: Variações sobre a LACK**  
Helena Guerreiro

**Da dramaturgia para a Cenografia, ou da Cenografia para a dramaturgia**  
Nuno Lucena

**O convite (à participação)**  
Inês de Carvalho

**16:30** - Debate

**16:45** - Pausa para café

**17:00 - Mesa 2** - moderador: Jorge Palinhos

**A encenação de *Portugal Tourism* do dramaturgo Jorge Palinhos no Mosteiro de São Bento da Vitoria/TNSJ**  
Roberto Merino

**Habitar o espaço cénico**  
Luísa Pinto

**Porque sim ou talvez não a pertinência das didascálias na definição do espaço cénico**  
Nuno Carinhas

**18:00** - Debate

**Comissão Organizadora:**  
Maria Helena Maia e Jorge Palinhos

**Organização:** MIA | Mestrado Integrado em Arquitetura - Seminário 4.3; SATH |  
Secção Autónoma de Teoria e História e CEAA | Centro de Estudos Arnaldo Araújo -  
**Projeto** *Arquiteturas Dramáticas* 2015 (ESAP/2015/P24/SATH)

**Espaços Cénicos. Espaços Encenados**  
**Resumo das comunicações**

## **MESA 1**

Moderador: Maria Helena Maia

**A cenografia modernista portuguesa na primeira metade do século XX**  
Jorge Palinhos

**A mercadoria como cenário: Variações sobre a LACK**  
Helena Guerreiro

**Da dramaturgia para a Cenografia, ou da Cenografia para a dramaturgia**  
Nuno Lucena

**O convite (à participação)**  
Inês de Carvalho

## A CENOGRAFIA MODERNISTA PORTUGUESA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Jorge Palinhos

Devido ao conservadorismo do público e da crítica, o teatro Português passou praticamente ao lado dos teatros de vanguarda que se desenvolviam por toda a Europa na primeira metade do século XX. As únicas exceções ao predomínio do teatro ligeiro, dos dramas históricos e do teatro naturalista foram as peças de Almada Negreiros, Fernando Pessoa, Raul Brandão e António Patrício, que passaram em grande parte ao lado dos palcos na época em que foram escritas.

Só através da cenografia, e mais particularmente da cenografia da «Revista à Portuguesa», é que a primeira geração de artistas modernistas portugueses conseguiu singrar e influenciar a estética teatral portuguesa. Foram artistas como Jorge Barradas, Milly Possoz, José Barbosa, entre outros, sob a influência dos Ballets Russes, de Diaghlev, e da presença em Portugal dos artistas Sonia e Robert Delauney, que reinventaram o espaço cénico português, abrindo caminho para muitas das tendências e propostas da vanguarda artística.

**Jorge Palinhos.** Investigador e dramaturgo, com peças apresentadas e publicadas em Portugal, Brasil, Espanha, Alemanha, França, Bélgica e Holanda. É editor da revista *Drama*, da Associação Portuguesa de Argumentistas e Dramaturgos, colaborador da revista da Revista Nua e membro da comissão científica da revista *Persona*. É ainda membro do Conselho de Direção (diretor-adjunto) e docente da ESAP, bem como investigador do CEAA | Centro de Estudos Arnaldo Araújo, sendo responsável pelo projeto *Arquiteturas Dramáticas*. Está a desenvolver uma tese sobre dramaturgia contemporânea com bolsa da FCT.

## A MERCADORIA COMO CENÁRIO: VARIAÇÕES SOBRE A LACK

Helena Guerreiro

Esta proposta foi apresentada na Quadrienal de Praga 2015 (PQ'15), no âmbito da representação oficial portuguesa de cenógrafos na IDBOX (organizado pela APCEN) e é, fundamentalmente, um conjunto de perguntas sobre a «transitoriedade e a ideia de identidades móveis e temporárias, cruzadas com a efemeridade das construções e ideias que compõe não só as artes performativas» [1], mas também a sociedade de consumo actual.

Uma reflexão sobre a questão da identidade, espelhada nas políticas económicas actuais. Uma tentativa de sobrevivência à unificação sobre a qual a identidade e a sociedade se constroem. (DEBORD; 2012, 33) [2].

Pensar o teatro/cenografia a partir destas premissas, resulta na tentativa de encontrar possibilidades na uniformidade. Multiplicidade na unidade. Acção no vazio que, a quantidade, a repetição e a monotonia da produção em série conseguem gerar. Construir e desconstruir um «espaço» a partir da mesa de café mais barata e mais vendida de sempre. Aquela que é a epítome da sociedade capitalista.

É a escala universal como referência da mercadoria, que o seu movimento prático confirmou ao unificar a terra num mercado mundial. (DEBORD; 2012, 24).

**Helena Guerreiro.** Doutoranda em Artes Plásticas e Artes Visuais na Faculdade de Belas Artes de Pontevedra. Diploma de Estudos Avançados (DEA) em Artes Plásticas e Artes Visuais (Faculdade Belas Artes Pontevedra, 2008). Reconhecimento de Grau de Mestre [Escola Superior de Música Artes e Espectáculo (ESMAE), 2012]. Investigadora do Grupo MODO: Investigação em Belas Artes, Faculdade de Belas Artes de Pontevedra ([www.uvigo.es](http://www.uvigo.es)). Licenciada em Teatro/Figurino (ESMAE, 2004). Professora Assistente na Escola Superior Artística do Porto [ESAP - [www.esap.pt](http://www.esap.pt)] no curso de Teatro – Interpretação e Encenação. Unidades curriculares: Figurino Teatral, Caracterização e Cenografia (Mestrado de Animação Digital da ESAG, 2011-2012). Professora Equiparada a Assistente na Escola Superior de Música Artes e Espectáculo entre 2004 e 2013, no curso de Teatro – Produção e Design/Ramo: Figurino. Onze anos de experiência profissional como cenógrafa e figurinista para teatro, ópera, cinema e publicidade. Últimas publicações: -"Jesus is a Popstar: A Iconografia Religiosa Cristã e a Cultura Pop", no âmbito da Jornada Internacional - Figurinus: O Corpo em Cena, da Faculdade de Letras de Universidade do Porto; -"Mostra-me o que Vestes, dir-te-ei Quem És (?)". Revista Diálogos com a Arte nº3- Revista de Artes, Cultura e Educação; Artes Plásticas - Últimas Exposições: -NESTE MOMENTO: Exposição colectiva do grupo de investigação MODO, Fundación RAC, Pontevedra; -NESTE UNIVERSO: Um Rumor Simultâneo. Exposição Colectiva do grupo de investigação MODO, Centro de Memória, Vila do Conde. Música - Últimos Projectos: -Wet Thatcher (Rui Lima; Sérgio Martins; Jorge Quintela; José Marrucho), para Mala Voadora, Porto; -Lubok (Alberto Lopes; Alexandre Soares; Gustavo Costa; Henrique Fernandes); -Artista convidado do BAAMMM!!! - Exploração, investigação e experimentação de som – Sonoscopia, Porto. Peça: Be7#01. Com Albano Jerónimo e Nuno M Cardoso: -NICHOLAS DESAMORY em parceria com o Goethe Institut. SERRALVES em FESTA.

## DA DRAMATURGIA PARA A CENOGRAFIA, OU DA CENOGRAFIA PARA A DRAMATURGIA

Nuno Lucena

Perante o problema da concepção de uma cenografia, normalmente o cenógrafo tem como ponto de partida um texto dramático, uma dramaturgia.

Sendo o actor um ser do espaço cénico, cujo o instrumento de trabalho também é o corpo, porque não passar do espaço e do diálogo deste com o corpo do actor para a dramaturgia.

É uma metodologia inquietante, inversa aos métodos mais ortodoxos e académicos, e que tenho desenvolvido com particular prazer com o encenador e dramaturgo José Carretas.

Será interessante confrontar os alunos de uma disciplina tão metódica como a arquitectura, com estes processos, e conversarmos sobre eles.

**Nuno Lucena.** Nasceu em 1974, em Vila Nova de Gaia. Licenciado em Design de Cenografia pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo em 2001. Terminou o Curso com distinção, tendo usufruído da Bolsa de Mérito IPP. Desenvolveu estudo sobre a Maquinária Teatral Clássica Italiana. Desenvolveu actividade como construtor e manipulador de marionetas nas companhias Pandora e Circolando. Tem colaborado como cenógrafo em vários projectos teatrais, como Esbofeteatro (2001), Circolando (2003 – 2006), Panmixia (desde 2008), Teatro das Beiras (2009) Teatro Arado (desde 2009), assim como com alguns encenadores como João Paulo Costa, Nuno Cardoso, André Braga, José Carretas, Rui Mello, entre outros. Colabou com a Elenco Produções, para quem cenografou os musicais Cinderela XXI (2010) e Ilha do Tesouro (2011). Em 2014 concebeu o espaço expositivo para a marca Montanhas Mágica. É docente da disciplina de cenografia na Escola Superior Artística do Porto (ESAP) desde 2003, e professor de Realização Plástica do Espectáculo na Escola Artística de Soares dos Reis desde 2006.

## O CONVITE (À PARTICIPAÇÃO)

Inês de Carvalho

Um olhar cenográfico sobre os modelos e as estratégias na elaboração e concretização do convite à participação de públicos nos trabalhos de criação e experimentação do Visões Úteis.

Como é feito o convite? O convite é feito, é transmitido, é dado? É dito ou está subentendido nos atos e no espaço? O espaço convida? Quem convida? E como convida? Num tempo intensamente marcado por dimensões participativas, em que o público é recorrentemente chamado a ter um papel ativo na criação e na realização do evento performativo, importa olhar para a forma como, nessa pluralidade de formatos, é erguido o convite à participação. Fundado no espaço, no ato ou na palavra, ou em algum lugar de cruzamento, o enunciado é fundamental no estabelecimento de códigos de participação e na gestão de expectativas e limites de intervenção ou exposição. O convite, sedado no espaço cenográfico, adquire um interessante estatuto mediador e determinante na realização performativa, servindo de agência esclarecedora, reguladora e autorizante para ambas as instâncias participantes: público, espaço e intérpretes.

Fazendo uma viagem através de exemplos concretos das experiências de criação do Visões Úteis que dependem de uma dimensão participativa do público, como espetáculos, audiowalks e performances na paisagem, e inspirada pela obra de Gareth White Audience participation in the theatre: aesthetics of the invitation (2013), esta apresentação propõe uma reflexão sobre esse primeiro passo para a ação, reação e partilha de uma experiência participativa, que é o "convite".

**Inês de Carvalho.** Termina o curso de Realização Plástica do Espetáculo na ESTC (1998). É Mestre em Cenografia pela Slade School of Fine Art – UCL (2000). Frequenta o Mestrado em Artes Visuais Intermédia na UE (2005 - 2007). Recentemente, é selecionada para expor na World Stage Design 2013, Cardiff. Integra a equipa curatorial da representação portuguesa na PQ15 (a cargo da APCEN), como co-project leader da Student Section. É membro do IFTR Scenography Working Group e, na representação portuguesa da OISTAT, participa na Education Commission e integra o grupo de Space Design. Foi professora na Licenciatura em Teatro da Universidade de Évora; na Licenciatura e no Mestrado em Educação Básica na Escola Superior de Educação Jean Piaget / Arcozelo em Vila Nova de Gaia, e é artista MUS-E, integrando a rede internacional Yehudi Menuhin para a promoção da tolerância e inclusão social através da prática das artes na escola. Colabora com Josie Wells, Caroline Hadley e Aaron Mullen (no UK); e com CEPIA, CENDREV, PIM Teatro, Teatro Joana, Teatro das Beiras, O Espaço do Tempo, Sonoscopia e Visões Úteis; destaca as encenações de Tiago de Faria, José Russo, Isabel Bilou, Júlio Castronuovo, Maria do Céu Guerra, Ana Vítorino e Carlos Costa, Margarida Mestre (em PT). Desde 2009, colabora regularmente com o Visões Úteis em projetos de palco e de intervenção na paisagem. Dirige projetos educativos e performativos inspirados pela materialidade do espaço e potencialidade de escrita cenográfica: Viagens por dentro do Mundo (PIM Teatro), O Mundo é um Sítio Muito Cheio (As Histórias de Amélia), O Vento (Visões Úteis), O que é uma coisa é? (CCVF/Sonoscopia/TNSJ). O trabalho artístico que desenvolve procura estreitar as relações entre a prática, a investigação e a pedagogia nas artes visuais e performativas. Obras de referência do VU: audiowalks (coma profundo, errare, os ossos de que é feita a pedra, viagens com alma); instalação (a língua das pedras); performance na paisagem (viagem ao resto do mundo, opera fixi); biométricos (rua, parque, mira); espetáculo (o vento); reunião (snailing)

## MESA 2

Moderador: Jorge Palinhos

**A encenação de Portugal Tourism do dramaturgo Jorge Palinhos no Mosteiro de São Bento da Vitória/TNSJ**

Roberto Merino

**Habitar o Espaço Cénico**

Luísa Pinto

**Porque sim ou talvez não a pertinência das didascálias na definição do espaço cénico.**

Nuno Carinhos

## **A ENCENAÇÃO DE PORTUGAL TOURISM DO DRAMATURGO JORGE PALINHOS NO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA VITÓRIA/TNSJ**

**Roberto Merino**

No seguimento da nossa comunicação Encenadores à procura de um espaço teatral do ano passado no 1º encontro de Arquitetura e Teatro, organizado pelo Centro de Estudos Arnaldo Araújo, dedicamos este espaço de comunicação a nossa encenação do texto Portugal Tourism do dramaturgo Jorge Palinhos, escrito propositadamente para os alunos finalistas do Curso Superior de Teatro da ESAP, e levado a cena no mês de julho do ano de 2015.

As relações do texto com o espaço de representação confundem-se argumentalmente fazendo do espetáculo uma visita guiada (pretensa e historicamente correta) ao espaço da mise-en-scène.

A possibilidade de comparar a nossa viagem com as bizarras visitas guiadas que se realizam hoje nas diferentes cidades europeias como por exemplo; visitar em Londres as ruas nas quais o serial killer Jack the Ripper, atacou no ano de 1888 ou o barbeiro sangrento Sweeney Todd da Fleet Street nos anos de 1846/47, (ambas personagens suficientemente teatralizadas ou cinematografadas), foi um ponto de partida para aquilo que eu próprio assumi como uma viagem na memória num comboio fantasma ou montanha russa de homenagem a cidade do Porto e ao espaço habitado nos últimos anos pelo Teatro Nacional São João.

**Roberto Merino.** (Chile 1952) - Estudos Universitários de Licenciatura em Matemáticas na Universidade de Concepción Chile/DESE em Animação Cultural de Escola pelo Instituto Piaget/Escola Superior de Educação de Almada /Professor do Ensino Superior desde 1972/Professor Auxiliar no Departamento de Estatística do Instituto de Matemáticas da Universidade de Concepción/ Chile/Professor do Departamento de Educação pela Arte dessa Universidade. Em Europa desde 1974, trabalhou teatralmente com emigrantes na República Federal Alemã./ Em Portugal desde 1975 como Diretor Artístico do TEP/Teatro Experimental do Porto, subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian/Integrou o Departamento de Teatro do FAOJ (Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis) Porto/Desde 1982, lecciona regularmente na Escola Superior Artística do Porto /ESAP sendo o Director do Curso Superior de Teatro. Colabora com o Ballet Teatro Contemporâneo do Porto, e a Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. Encenador Profissional Teatral. Membro da Sociedade Portuguesa de Autores/SPA..

## HABITAR O ESPAÇO CÉNICO

**Luísa Pinto**

A cenografia como objeto interativo e participante da estrutura global do espetáculo, sua relação com a encenação, interpretação e a sua representação simbólica.

**Luísa Pinto.** É Mestre em Teatro/ Encenação pela Escola Superior Artística do Porto. Docente na Escola Superior Artística do Porto e faz parte da Direção da Cesap, Cooperativa de Ensino Superior Artístico do Porto. Doutoranda em estudos teatrais e performativos na Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra. Encenou mais de 20 peças, entre elas, "Mil olhos de vidro", "Dali", "Missa do Galo" de Carlos Tê e Manuel Paulo, " Sicrano "de Jorge Loureiro Figueira, "A Casa Encantada" de Roberto Merino, "elegante melancolia do crepúsculo," "Chavela" de Pedro Pinto e Filipe Pinto "Amor solúvel" de Carlos Tê, "Um fio de Jogo", Trago-te na pele" de Marta Freitas, "Breviário Gota D Água" de Heron Coelho a partir de Chico Buarque, "caminham nus empoeirados " de Gero Camilo, entre muitos outros privilegiando autores e dramaturgos da língua portuguesa. A par da encenação, cria cenografia e figurinos para os seus espetáculos tendo nos últimos cinco anos a sua assinatura em todas as criações. Desde Outubro de 2007 é Diretora Artística do Teatro Constantino Nery /Teatro Municipal de Matosinhos. Durante este período estabeleceu parcerias em rede com outros teatros no âmbito do QREN (Ato 5). Os seus espetáculos circulam por vários teatros do país. Foi além-fronteiras e trabalha em parceria com o Brasil em S. Paulo. Levou por 6 anos consecutivos os seus espetáculos ao Circuito de Teatro Português no Brasil. Desde 2006 que desenvolve um projeto de reinserção/integração social pelo Teatro onde mistura reclusos com atores profissionais e leva à cena estes espetáculos fora do contexto prisional estando em curso outro projeto semelhante no âmbito do Doutoramento que frequenta na Universidade de Coimbra. Concretizou um projeto artístico em parceria com a associação MASA (Associação de apoio aos sem abrigo) e ainda outro com a Casa Abrigo de Matosinhos (Associação de apoio às Mulheres vítimas de violência). Ao longo da sua carreira trabalhou com várias companhias de Teatro tais como, Escola de Mulheres, Companhia de teatro de Almada, Seiva Trupe, Teatro de Marionetas do porto, Balletteatro Contemporâneo do Porto, Ensemble entre outras. Diretora Artística do "Cena Contemporânea de Matosinhos em Português – Festival de Teatro". Foi autora e apresentadora de vários programas culturais da RTPN. Foi diretora de arte de canais de Televisão como RTP, MTV Portugal, Porto Canal. Assinou o guarda-roupa em várias campanhas de cinema de publicidade e em longas-metragens como o filme "Alice" de Marco Martins.

## PORQUE SIM OU TALVEZ NÃO A PERTINÊNCIA DAS DIDASCÁLIAS NA DEFINIÇÃO DO ESPAÇO CÉNICO

**Nuno Carinhas**

Nesta apresentação propomo-nos debater a forma como uma performance pode documentar e exprimir uma experiência arquitetónica, e como é que a combinação do movimento, da mudança e da interação com o espaço arquitetónico pode ser representado através da mediação da performance. Deste modo, procuramos identificar e documentar como é que a performance pode ser usada para revelar a configuração, função, história e utilização do ambiente construído e os processos de transformação que podem ocorrer ao longo do tempo ou através de mudanças políticas ou sociais.

Partindo de performances do Teatro do Vestido e do Visões Úteis, iremos discutir as potencialidades do percurso enquanto dramaturgia do olhar e da experiência arquitetónica.

**Nuno Carinhas** Pintor, cenógrafo, figurinista e encenador. Diretor Artístico do Teatro Nacional São João desde 2009. No seu percurso, destaca-se o trabalho com o TNSJ e companhias como Cão Solteiro, ASSÉDIO, Ensemble, Escola de Mulheres e Novo Grupo/Teatro Aberto. Colaborou com o Teatro Nacional de São Carlos, Ballet Gulbenkian, Companhia Nacional de Bailado, Nederlands Dans Theater, Ballet du Grand Théâtre de Genève, Companhia Nacional de Danza, Teatro Nacional D. Maria II, Casa da Música, entre outras instituições. Como cenógrafo e figurinista, trabalhou com os encenadores Ricardo Pais, Fernanda Lapa, João Lourenço, Fernanda Alves e Jorge Lístopad, os coreógrafos Paula Massano, Vasco Wellenkamp, Olga Roriz e Paulo Ribeiro, e o realizador Joaquim Leitão. Em 2000, realizou a curta-metragem Retrato em Fuga. Escreveu Uma Casa Contra o Mundo, texto encenado por João Paulo Costa (2001). Encenou textos de Sófocles, Gil Vicente, Calderón, Corneille, Tchekhov, Brecht, Beckett, António José da Silva, Luísa Costa Gomes, Jacinto Lucas Pires, Maria Velho da Costa, entre outros.

